



Orientação/Supervision:



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Do conhecimento à prática.



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Relação avós-netos, otimismo e Idadismo: Um estudo com jovens adultos

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde | 2024/25

Orientação: Prof.^a Doutora Isabel Miguel

Érica Manuela Costa Vasconcelos | 43183



Érica Manuela Costa Vasconcelos nº 43183

**Relação avós-netos, Otimismo e Idadismo:
Um estudo com Jovens Adultos**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação científica da Prof. Doutora Isabel Miguel.

Departamento de Psicologia e Educação

Julho 2025



DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Érica Manuela Costa Vasconcelos nº 43183, aluna do curso de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde declaro que a Dissertação apresentada para avaliação na Unidade curricular Dissertação é da minha autoria e cumpre as normas de integridade académica.

Assim assume-se:

- Esclarecer explicitamente se partes do trabalho foram já apresentadas para avaliação de outras unidades curriculares ou provas de grau na Universidade Portucalense ou noutras instituições;
- Identificar corretamente as fontes utilizadas, de forma a que possam ser consultadas e atestada a autenticidade do trabalho que apresento;
- Assumir, sob compromisso de honra, a responsabilidade da autoria integral do trabalho, não tendo contratado serviços de terceiros para a sua realização;
- Indicar a supervisão recebida para elaboração do trabalho;
- Reconhecer como fraudulentas práticas que correspondem a formas de plágio, cópia servil, omissão ou citação deficiente de fontes, percebendo que tais práticas infringem direitos de autoria e são contrárias à integridade académica;
- Submeter, quando solicitado, à consideração do(s) docente(s), relatórios que tenham sido emitidos por equipamento especializado na deteção de plágio.

Data: 15/07/2025

Assinatura: Érica Vasconcelos



UNIVERSIDADE
PORTUCALENSE

Do conhecimento à prática.

Declaração sobre o uso de IA Generativa para a realização de trabalhos académicos

Curso: Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Ano letivo: 2024/2025

Trabalho: Dissertação de Mestrado

IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES

Érica Manuela Costa Vasconcelos (nº43183).

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Nesta Dissertação de Mestrado usei sistemas de Inteligência Artificial (IA) Generativa para melhorar a linguagem/estrutura do texto, e/ou pesquisar informação.

O sistema de IA Generativa utilizado neste trabalho foi o seguinte: ChatGPT.

ÂMBITO DE UTILIZAÇÃO

A utilização da IA Generativa teve como objetivo a melhoria e da linguagem e estruturação utilizada nos textos, assim como, a procura de informação relevante para a escrita da Dissertação.

PROMPTS UTILIZADOS

"Reformula este parágrafo para que fique mais claro e coeso"; "Corrige os erros ortográficos"; "coloca este texto com uma linguagem mais científica"; "traduz-me este artigo"; "vê se está referênciada esta correta de acordo com as normas APA".

Data: 15/07/2025

Assinatura: Érica Vasconcelos

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação representa o culminar de uma etapa marcante da minha formação, que não teria sido possível sem o apoio e incentivo de muitas pessoas, a quem manifesto o meu profundo agradecimento.

À Universidade Portucalense Infante D. Henrique, por me ter acolhido ao longo destes cinco anos de aprendizagem e crescimento pessoal e académico.

À minha orientadora, Prof.^a Doutora Isabel Miguel, pela orientação rigorosa, incentivo constante, disponibilidade e dedicação ao longo deste percurso. A sua sensibilidade, profissionalismo e exigência foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais e ao meu irmão, pilares inabaláveis de amor, apoio e motivação, que sempre acreditaram em mim, mesmo nos momentos em que eu duvidei.

Aos meus avós, tios, padrinhos e primos, por todo o carinho, palavras de força e pela importância que têm na minha vida. São uma parte indissociável daquilo que sou.

Ao meu namorado, pela paciência, compreensão e incentivo incondicional, mesmo quando as exigências da dissertação tornaram os dias mais longos e difíceis.

Às minhas queridas Raquel e Margarida, amigas de sempre e para sempre, por estarem sempre presentes com palavras de encorajamento e gargalhadas (mesmo quando virtuais).

E, por fim, a todos os que me acompanharam nesta jornada, que celebram comigo cada pequena vitória e me ajudaram a ultrapassar os desafios com palavras, gestos e presença.

A todos, o meu sincero obrigada.

RESUMO

Num contexto marcado pelo envelhecimento da população e pelo prolongamento das relações intergeracionais, esta dissertação teve como objetivos: (1) analisar as diferenças nas relações avós-netos, otimismo e idadeísmo em função do sexo biológico de jovens adultos (18-30 anos); e (2) analisar um modelo teórico de relações entre a qualidade da relação avós-netos, o otimismo e o idadeísmo. Partindo da hipótese de que uma relação próxima com os avós potencia o desenvolvimento de uma visão mais otimista da vida e contribui para atitudes menos idadeístas, foram analisados os efeitos diretos e indiretos da qualidade da relação avós-netos sobre o idadeísmo, tendo o otimismo como variável mediadora.

A amostra foi constituída por 270 jovens adultos, e os dados foram recolhidos online. Os resultados do primeiro objetivo indicaram diferenças significativas apenas ao nível do idadeísmo, com os participantes do sexo masculino a apresentarem níveis mais elevados. No que respeita ao segundo objetivo, verificou-se que a relação próxima com os avós está positivamente associada a maiores níveis de otimismo, mas não se encontraram associações significativas entre o otimismo e o idadeísmo, nem entre a relação avós-netos e o idadeísmo, não se confirmando o papel mediador do otimismo.

Conclui-se que as relações intergeracionais afetuosas contribuem para o bem-estar psicológico dos jovens adultos, ao promoverem uma visão mais esperançosa e positiva da vida. Contudo, o seu impacto direto na desconstrução do idadeísmo permanece por clarificar, sugerindo-se a necessidade de futuras investigações que aprofundem a complexidade destas relações e o seu impacto na perceção do envelhecimento.

Palavras-chave: relação avós-netos; otimismo; Idadismo; jovens adultos; envelhecimento; relações intergeracionais.

ABSTRACT

In a context marked by the ageing of the population and the extension of intergenerational relationships, this dissertation aimed to: (1) analyze the differences in grandparent-grandchild relationships, optimism and ageism according to the biological sex of young adults (18-30 years old); and (2) analyze a theoretical model of the relationships between the quality of the grandparent-grandchild relationship, optimism and ageism. Based on the hypothesis that a close relationship with grandparents fosters the development of a more optimistic view of life and contributes to less ageist attitudes, the direct and indirect effects of the quality of the grandparent-grandchild relationship on ageism were analyzed, with optimism as the mediating variable.

The sample consisted of 270 young adults and the data was collected online. The results of the first objective indicated significant differences only in terms of ageism, with male participants showing higher levels. With regard to the second objective, it was found that a close relationship with grandparents is positively associated with higher levels of optimism, but no significant associations were found between optimism and ageism, nor between the grandparents-grandchildren relationship and ageism, thus failing to confirm the mediating role of optimism.

We conclude that affectionate intergenerational relationships contribute to the psychological well-being of young adults by promoting a more hopeful and positive outlook on life. However, their direct impact on the deconstruction of ageism remains to be clarified, suggesting the need for future research into the complexity of these relationships and their impact on the perception of ageing.

Keywords: grandparents-granchildren relationship; optimism; ageism; young adults; ageing; intimate relationships.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
ABSTRACT.....	III
ÍNDICE.....	IV
ÍNDICE TABELAS.....	V
ÍNDICE FIGURAS.....	VI
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
2.1 Relação avós-netos jovens adultos.....	2
2.2 Relação avós-netos e otimismo.....	4
2.3 Otimismo e Idadismo.....	6
2.4 Relação avós-netos, otimismo e Idadismo.....	8
3. O PRESENTE ESTUDO.....	10
4. MÉTODO.....	12
4.1 Participantes.....	12
4.2 Instrumentos.....	12
4.3 Procedimento.....	14
4.3.1 Recolha de dados.....	14
4.3.2 Análise de dados.....	15
5. RESULTADOS.....	16
5.1 Análises preliminares: Análises descritivas, correlacionais.....	16
5.2 Relação avós-netos, otimismo e Idadismo: Diferenças de género.....	17
5.3 Relação avós-netos (amor e estima, afeto, memórias e humor, comemoração), otimismo e idadismo em jovens adultos: Efeitos diretos e indiretos.....	18
6. DISCUSSÃO.....	22
7. CONCLUSÃO.....	28
8. REFERÊNCIAS.....	29

ÍNDICE TABELAS

Tabela1. Características Sociodemográficas dos Participantes.....	12
Tabela2. Análises descritivas e correlações entre a relação avós-netos, otimismo e idadeismo.....	17
Tabela3. Relação avós-netos, otimismo e Idadismo em função do género.....	18
Tabela4. Relação entre Amor e Estima, otimismo e Idadismo.....	19
Tabela5. Relação entre Afeto, otimismo e Idadismo.....	20
Tabela6. Relação entre Memórias e Humor, otimismo e Idadismo.....	21
Tabela7. Relação entre Comemoração, otimismo e Idadismo.....	22

ÍNDICE FIGURAS

Figura1 Modelo teórico a testar.....	11
--------------------------------------	----

1. INTRODUÇÃO

O aumento da esperança média de vida e o forte envelhecimento demográfico atual representam desafios importantes, mas também criam oportunidades significativas. Entre estas, destaca-se a possibilidade de avós e netos partilharem experiências por períodos mais longos de tempo, com benefício para ambas as gerações. Vários autores têm realçado a importância do contacto intergeracional, com ênfase na relevância de promover iniciativas que incentivem a partilha de experiências entre jovens e idosos. Neste quadro, relação entre avós e netos tem sido apontada como uma oportunidade de contacto intergeracional, capaz de promover a mudança de comportamentos e atitudes face ao envelhecimento e aos idosos (Burnes et al., 2019; Chonody, 2015; Harwood et al., 2005; Marques et al., 2019; Smith & Charlton, 2020). Permitindo a transmissão de valores e a formação de perceções sobre o envelhecimento, a relação entre avós e netos é, assim, um elemento central no desenvolvimento emocional e social dos jovens, podendo promover o seu otimismo e ajudando-os a enfrentar os desafios da vida e a prevenir preconceitos como o idadismo. Neste contexto, o presente estudo pretende explorar a relação entre avós e netos em jovens adultos, com particular foco no impacto do otimismo nestas relações e a sua associação com o idadismo.

O presente estudo está estruturado em duas grandes partes. A primeira consiste num enquadramento teórico das variáveis em análise, nomeadamente a relação avós-netos em jovens adultos, o otimismo e o idadismo. A segunda parte apresenta a descrição do estudo empírico, nomeadamente os participantes, instrumentos e procedimentos, bem como resultados e a sua discussão.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Relação Avós-Netos jovens adultos

O aumento da esperança média de vida leva ao aumento da oportunidade de os avós verem os netos atingirem a idade adulta (Brown, 2003; Smorti et al., 2012). Os avós desempenham um papel cada vez mais importante no desenvolvimento dos netos, sendo frequentemente cuidadores, companheiros, fontes de apoio emocional e financeiro, bem como modelos de comportamento e aprendizagem (Attar-Schwartz et al., 2009). Além disso, os netos também contribuem para os avós, ajudando-os e ensinando-lhes novas habilidades (Mansson, 2016).

Mansson (2013) refere que os avós expressam afeto aos seus netos de várias formas, como por meio de elogios e valorização do relacionamento (amor e estima), mostrando interesse pela vida dos netos e sendo bons ouvintes (carinho), partilhando histórias e piadas (memórias e humor) e participando em ocasiões especiais da vida dos netos (comemoração). Netos que recebem carinho dos avós apresentam vantagens relacionais e psicológicas, sentindo-se emocionalmente próximos e apoiados. Esta relação intergeracional é, portanto, importante e mutuamente benéfica (Mansson, 2016; Ruiz & Silverstein, 2007).

A perceção dos avós sobre os atributos e comportamentos ideais também está relacionada com o afeto. O avô ideal é descrito como amoroso, carinhoso, afetuoso, reconfortante, generoso e interessado em interagir com os netos (Mansson, 2016; Mansson et al., 2021). Por outro lado, os netos ideais são aqueles que são prestativos e afetuosos com os avós, partilhando as suas realizações e estando disponíveis para aprender e ensinar (Mansson, 2016).

No contexto familiar, as relações intergeracionais avós-netos adquirem particular relevância, proporcionando a transferência de cultura e de características psicológicas (Ramos, 2014). Os avós são frequentemente vistos como guias e transmissores de valores para os jovens (Noriega et al., 2017).

As atividades partilhadas entre avós e netos modificam-se ao longo do desenvolvimento dos netos. Durante a infância, o relacionamento é marcado por brincadeiras e cuidados mediados pela autoridade dos pais. Na adolescência, a relação ganha um novo sentido, com os netos a prestarem mais atenção à personalidade dos avós e a valorizarem-nos pelo que são (Dias, 2016; Triadó et al., 2005). Com o aumento da autonomia dos netos, as trocas entre avós e netos tornam-se mais culturais, marcadas pela sabedoria e experiência dos avós (Dias, 2016). Na idade adulta emergente, o atraso na saída de casa faz com que os avós desempenhem um papel de maior ajuda financeira (Miguel et al., 2021). A transição na relação avós-netos em adultos é caracterizada por três aspetos: (1) substituição do apoio prático por apoio financeiro, (2) contato menos frequente e mais baseado em tecnologia, e (3) sentimentos de apreço e respeito substituem a excitação dos netos mais jovens (Sciplino & Kinshott, 2019).

Estudos recentes mostram que os relacionamentos intergeracionais são influenciados por fatores sociodemográficos, como o género dos avós e dos netos, a frequência de contato, a distância geográfica, a idade e a saúde dos avós (Davey et al., 2009; MaloneBeach et al., 2018; Monserud, 2008; Taylor et al., 2005). Além disso, a proximidade entre pais e avós pode influenciar positivamente a relação entre avós e netos (Mueller & Elder, 2003; Sciplino & Kinshott, 2019). A idade e o género dos netos também moderam a relação com os avós, com jovens do sexo feminino tendendo a manter uma maior proximidade emocional (Attar-Schwartz et al., 2009).

Neste sentido, investigações indicam que as netas mantêm contacto mais frequente com os avós e valorizam mais a relação intergeracional do que os netos (Lussier et al., 2002; Block, 2000), possivelmente refletindo normas sociais que favorecem a expressão emocional no sexo feminino. Este padrão pode contribuir para o desenvolvimento de relações mais próximas e afetivas entre netas e avós, especialmente em linhagens maternas (Hakoyama et al., 2020).

A relação entre avós e netos tem sido um foco de estudo significativo, destacando a importância dos laços intergeracionais na coesão familiar e no desenvolvimento emocional. O carinho recebido pelos netos está associado a melhores níveis de saúde social, relacional e psicológica, incluindo níveis mais baixos de stress e depressão (Mansson, 2013; Mansson & Booth-Butterfield, 2011). Além disso, o envolvimento dos avós pode influenciar as

atitudes dos netos em relação aos idosos em geral (Harwood et al., 2005). Netos que mantêm uma relação próxima e de qualidade com os avós tendem a ter visões mais positivas sobre a velhice (Harwood et al., 2005).

Estudos sugerem que a proximidade emocional entre avós e netos tende a diminuir com o tempo, devido a mudanças na localização geográfica e novas responsabilidades. Contudo, a relação pode continuar a ser uma fonte importante de apoio emocional em situações de crise ou transição (Attar-Schwartz et al., 2009).

Por fim, a literatura mostra que o interesse no relacionamento entre avós e netos adultos jovens tem crescido nos últimos anos, refletindo o aumento da expectativa de vida e a extensão da convivência entre avós e netos (Boon et al., 2008; Geurts et al., 2009; Gruijters, 2017). Embora se saiba muito sobre o envolvimento dos avós na infância e adolescência, ainda há muito a explorar sobre o impacto da relação na vida adulta dos netos (Sadruddin et al., 2019).

2.2 Relação avós-netos e otimismo

O otimismo, um conceito central na psicologia positiva, tem sido amplamente estudado nas últimas décadas. Scheier e Carver (1985) definem o otimismo como uma expectativa generalizada de resultados positivos. Este conceito ganhou relevância com o desenvolvimento da psicologia positiva, que foca o estudo das forças e virtudes humanas, como o bem-estar, a felicidade e a esperança (Seligman, 1992).

Na relação entre avós e netos, o otimismo desempenha um papel fundamental. As interações com os avós, frequentemente vistos como figuras de sabedoria e estabilidade, influenciam a forma como os netos veem o futuro e desenvolvem a sua resiliência emocional. A troca de afeto entre avós e netos, especialmente em famílias com laços emocionais fortes, contribui para uma visão mais positiva da vida nos netos. Estudos sugerem que avós que expressam afeição de maneira consistente e que estão envolvidos na vida dos netos ajudam a promover uma atitude otimista nos jovens (Mansson & Booth-Butterfield, 2011).

Para muitos jovens, os avós são uma fonte de conselhos práticos e emocionais, oferecendo um modelo de envelhecimento positivo e de superação de dificuldades. Este

apoio emocional ajuda os netos a desenvolver uma perspetiva positiva sobre o futuro, fortalecendo a sua capacidade de lidar com os desafios da vida adulta. A transição para a idade adulta, associada a mudanças importantes na vida (maior responsabilidade e independência), influencia a qualidade dos relacionamentos avós-netos. De modo geral, netos adultos jovens restabelecem os relacionamentos com os avós de forma independente, sem as mediações parentais que ocorriam na infância (Geurts et al., 2009).

Contudo, também aqui o género pode influenciar estas dinâmicas, por norma, as raparigas jovens relatam níveis mais elevados de proximidade e identificação com os valores dos avós (Hakoyama et al., 2020), o que pode potenciar o efeito protetor da relação avós-netos no desenvolvimento de atitudes otimistas. Em contraste, os rapazes podem beneficiar menos deste tipo de ligação afetiva, o que poderá contribuir para diferenças observadas nos níveis de otimismo entre géneros em alguns estudos.

O otimismo é um preditor significativo de melhores resultados em saúde psicológica, reduzindo sintomas de depressão e hostilidade: avós mais otimistas apresentam menos sintomas de depressão e hostilidade, o que indica que o otimismo os protege dos impactos psicológicos decorrentes do cuidado prolongado dos netos. Além disso, o otimismo ajuda as avós mais jovens a lidarem melhor com distúrbios do sono, sugerindo que uma visão otimista do futuro pode reduzir a preocupação e a angústia psicológica (Conway et al., 2008).

Interações com avós ativos e comunicativos ajudam a desconstruir estereótipos negativos sobre o envelhecimento, influenciando positivamente a forma como os jovens percebem os idosos. Em contextos familiares onde os avós desempenham um papel ativo na educação e no apoio emocional, os netos tendem a desenvolver uma visão mais otimista da vida (Attar-Schwartz et al., 2009). Adultos emergentes que mantêm contacto frequente e de qualidade com os avós tendem a perceber os idosos de maneira mais positiva, vendo o seu potencial ao invés de focarem nas suas limitações (Lin & Harwood, 2003). O contacto próximo com os avós ajuda a criar empatia e compreensão, resultando numa maior valorização e afeto em relação aos idosos em geral (Harwood et al., 2005; Pecchioni & Croghan, 2002).

Pesquisas indicam que, embora os netos adultos jovens possam ter menos contato com os avós, esses relacionamentos intergeracionais continuam a ser importantes e

satisfatórios (Brussoni & Boon, 1998; Taylor et al., 2005). Relacionamentos próximos na infância podem continuar na vida adulta, beneficiando tanto os avós quanto os netos (Sciplino & Kinshott, 2019).

2.3 Otimismo e Idadismo

O conceito de idadismo foi introduzido por Butler (1969) para descrever atitudes negativas, preconceitos e discriminação baseados na idade, especialmente em relação aos idosos. O idadismo inclui três componentes principais: estereótipos (componente cognitivo), preconceitos (componente emocional) e discriminação (componente comportamental). É uma forma de preconceito que pode ser sutil ou explícito, manifestando-se tanto em atitudes sociais quanto em práticas institucionais que marginalizam os idosos (Ayalon & Tesch-Römer, 2017).

Ayalon e Tesch-Römer (2018) descrevem três níveis de idadismo: (1) o micro, relacionado com o indivíduo; (2) o meso, relacionado com grupos, organizações e entidades; e (3) o macro, relacionado com valores sociais e culturais. O idadismo, como o terceiro grande “ismo” (após o racismo e o sexismo), distingue-se por afetar praticamente todos os indivíduos, uma vez que a maioria envelhecerá e, provavelmente, enfrentará preconceito de idade em algum momento (Ayalon & Tesch-Römer, 2018; Barnett & Adams, 2018; McGuire et al., 2008; Mustsant et al., 2021).

Com o tempo, vários autores expandiram o conceito de idadismo. Atualmente, o idadismo é descrito como uma repulsa em relação ao envelhecimento, à doença, à deficiência, e ao medo da inutilidade, impotência e morte (Mustsant et al., 2021; Podhorecka et al., 2021). Idosos são frequentemente rotulados como antiquados, obstinados, senis, deprimidos, doentes, solitários e incapazes de aprender (Levy & Macdonald, 2016; McGuire et al., 2008; Nelson, 2009; Reissmann et al., 2021). A sociedade adota esses rótulos e projeta-os em relação ao seu próprio envelhecimento, perpetuando estereótipos prejudiciais (McGuire et al., 2008).

De acordo com Allport (1954), os estereótipos são crenças exageradas que ajudam as pessoas a categorizar grupos. Grande parte destes estereótipos sobre o envelhecimento não se baseiam em experiências válidas, sendo frequentemente reforçados pelos meios de comunicação. Durante muitos anos, os estudos científicos

focaram-se na imagem negativa do envelhecimento, mas essa tendência tem sido desafiada por diversos autores (Bowen et al., 2020; Flamion et al., 2020; Kite et al., 1991; Levy et al., 2002).

Barnett e Adams (2018) sugerem que o otimismo atenua o impacto do medo associado ao envelhecimento, facilitando uma aceitação mais tranquila do processo de envelhecimento. Netos que mantêm uma relação próxima e positiva com os avós tendem a desenvolver níveis mais elevados de otimismo, o que se traduz em atitudes mais favoráveis em relação aos idosos. Flamion et al. (2017) corroboram esta ideia, concluindo que a proximidade emocional com os avós não só melhora as atitudes dos netos em relação aos mais velhos, mas também promove uma visão mais otimista do processo de envelhecimento.

A relação entre o otimismo e o idadismo tem sido explorada em várias investigações, com resultados que sugerem que visões otimistas sobre o envelhecimento podem ajudar a mitigar os efeitos do idadismo. De acordo com Ng et al. (2015), as percepções sociais negativas sobre o envelhecimento têm aumentado nos últimos 200 anos, o que está associado a atitudes mais pessimistas em relação à velhice. No entanto, indivíduos com uma visão otimista da vida tendem a ter percepções mais positivas do envelhecimento, reduzindo a propensão para comportamentos idadistas.

Alguns estudos apontam para diferenças de gênero também neste domínio, com as raparigas a apresentarem maior consciência dos estereótipos etários e maior empatia em relação às pessoas idosas (Flamion et al., 2017; Muntsant et al., 2021). Isto poderá explicar, em parte, os níveis mais baixos de idadismo reportados por participantes do sexo feminino em diferentes contextos. A maior disponibilidade emocional das raparigas para se envolverem nas relações com os avós pode traduzir-se numa percepção mais positiva do envelhecimento e numa menor adesão a estereótipos negativos.

Estudos como o de Levy et al. (2002) demonstram que percepções negativas sobre o envelhecimento podem ter consequências prejudiciais para a saúde física e mental dos idosos, como a diminuição da autoestima, o aumento do risco de doenças cardiovasculares e até uma redução da esperança de vida. O otimismo pode, contudo, atuar como um fator protetor, ajudando a criar uma visão mais equilibrada e positiva do envelhecimento e diminuindo os níveis de idadismo entre os jovens (Bergman et al., 2020).

A qualidade das interações com os avós pode influenciar o nível de idadismo nos jovens. Quando os avós são vistos como modelos positivos de envelhecimento, os jovens tendem a desenvolver uma visão mais favorável sobre a velhice, contribuindo para a redução do idadismo. Além disso, o otimismo gerado por essas interações ajuda a criar uma atitude mais inclusiva em relação ao envelhecimento, desafiando estereótipos negativos prevalentes na sociedade (Harwood et al., 2005).

Uma relação avós-netos positiva parece estar associada a atitudes mais favoráveis em relação ao envelhecimento em geral (Lin & Harwood, 2003). A literatura descreve quatro fatores que influenciam o ponto de vista dos indivíduos relativamente aos estereótipos de idade: (1) o sexo, onde meninas apresentam opiniões ligeiramente mais positivas que os meninos; (2) a idade, dado que adolescentes avaliam menos favoravelmente os idosos do que crianças entre 7-12 anos; (3) a saúde dos avós; e (4) a qualidade do contacto com os avós (Flamion et al., 2017).

2.4 Relação avós-netos, otimismo e idadismo

A relação entre avós e netos, o otimismo e o idadismo formam um ciclo interligado de influências. Jovens adultos que mantêm uma relação próxima e afetuosa com os avós tendem a desenvolver uma atitude mais otimista em relação à vida, o que, por sua vez, está associado a níveis mais baixos de idadismo. Esta ligação pode ser explicada pelas interações positivas com os avós, que proporcionam aos netos uma visão mais equilibrada e realista do envelhecimento, desafiando os estereótipos negativos muitas vezes associados à velhice (Barnett & Adams, 2018).

Nas sociedades ocidentais modernas, onde se valorizam visões competitivas e dinâmicas, o envelhecimento é percebido principalmente como um fenómeno negativo. Esta percepção tem aumentado linearmente nos últimos 200 anos (Ng et al., 2015). As visões pessimistas sobre os idosos dão origem à discriminação, ao estigma, à exclusão e ao evitamento, agrupados sob o termo idadismo (Adam et al., 2013; Butler, 1969). O preconceito contra a idade foi considerado generalizado por 42% dos entrevistados numa pesquisa europeia (Comissão Europeia, 2015).

A elevada prevalência do idadismo é um fator significativo, pois tem impactos nocivos na saúde física e mental das pessoas, à medida que envelhecem. Estes danos

incluem uma diminuição da autoestima, autoconfiança e bem-estar (Masse & Meire, 2009), uma redução do desempenho em tarefas cognitivas e de memória (Abrams et al., 2006), um aumento de problemas cardiovasculares (Levy, 2009) e até uma vida útil reduzida (Levy et al., 2002).

A transição para o papel de avós pode ter um impacto positivo no bem-estar emocional dos idosos. Estudos mostram que a experiência de se tornarem avós pode ajudar a encontrar um sentido de continuidade e propósito, reforçando o bem-estar subjetivo e fortalecendo os laços familiares (Thiele & Whelan, 2008). Esta transição beneficia ambas as gerações, criando um ciclo de interações positivas que ajuda a mitigar os efeitos do idadismo e a promover uma visão mais inclusiva do envelhecimento.

Relações intergeracionais de qualidade, como as que se verificam entre avós e netos, têm o potencial de reduzir estereótipos negativos sobre o envelhecimento e promover atitudes mais favoráveis em relação aos idosos (Attar-Schwartz et al., 2009). Este ciclo virtuoso de influências pode ajudar a construir uma sociedade mais justa, onde o envelhecimento é visto de forma mais positiva e menos estigmatizada.

Os jovens adultos tendem a associar a velhice tanto a aspetos negativos (declínio, fatalidades) quanto a aspetos positivos, como serenidade, sabedoria e tempo para viver (Bowen et al., 2020; Kite et al., 1991). A mudança de comportamento em relação aos idosos pode ocorrer de três formas (Burnes et al., 2019; Chonody, 2015; Marques et al., 2019): Intervenções educacionais: instrução sobre envelhecimento e representações sociais; Contato intergeracional: promoção de interações entre jovens e idosos, incluindo relações entre avós e netos; Combinação das duas intervenções anteriores.

Outro estudo explorou o impacto de crescer com um idoso em casa nas atitudes dos jovens. Aqueles que cresceram com idosos relataram opiniões mais negativas sobre a velhice, especialmente quando o idoso estava doente, embora também apresentassem menos ansiedade em relação ao próprio envelhecimento (Smith & Charlton, 2020).

Os componentes de um bom relacionamento com os avós que reduzem o preconceito de idade nos netos precisam de ser mais detalhadamente explorados em estudos futuros. A pesquisa sugere que os estereótipos de preconceito de idade têm um desenvolvimento não linear durante a infância e adolescência, com um ponto mais baixo

em torno dos 10-12 anos (Flamion et al., 2017). Este desenvolvimento pode ser comparado com a formação de outros tipos de estereótipos entre os jovens.

Importa, ainda, destacar que as diferenças de género nas atitudes face à velhice e no envolvimento com os avós podem afetar este ciclo de influência. Nestas tendem a manter uma ligação mais próxima e frequente com os avós (Lussier et al., 2002), e a demonstrar atitudes mais positivas face ao envelhecimento (Flamion et al., 2017; Muntsant et al., 2021), enquanto os rapazes parecem apresentar maior resistência à desconstrução de estereótipos idadistas.

3.0 PRESENTE ESTUDO

As relações intergeracionais, nomeadamente entre avós e netos, têm sido amplamente estudadas a nível internacional (Mansson, 2020a, 2020b, 2022). Em Portugal, alguns estudos sobre esta temática têm salientado os benefícios da intergeracionalidade, essencialmente a partir da perspetiva dos avós (Caldeira, 2010; Fernandes & Duque, 2017; Santana, 2015). Todavia, num contexto de envelhecimento da população portuguesa, torna-se essencial a compreensão dos fatores que influenciam as atitudes dos jovens adultos em relação à velhice e aos idosos.

Apesar do crescente interesse pelo idadismo, algumas áreas da investigação permanecem pouco exploradas. A maioria dos estudos sobre idadismo foca-se em fatores demográficos e sociais (Marques et al., 2019; Soliz & Harwood, 2003), negligenciando o papel das relações interpessoais no desenvolvimento de atitudes em relação aos idosos. Mais concretamente, um dos aspetos menos estudados diz respeito à forma como a qualidade das relações entre avós e netos pode influenciar as perceções dos jovens sobre o envelhecimento. O papel do otimismo como mediador entre as relações intergeracionais e o idadismo é outro aspeto pouco explorado na literatura. O otimismo está associado a uma maior resiliência psicológica e a atitudes mais positivas em diversos domínios da vida (Dutra & Mendes, 2009). Indivíduos mais otimistas tendem a ter uma perceção mais positiva do envelhecimento. Embora as boas relações avós-netos possam promover um sentimento mais otimista em relação ao futuro e ao envelhecimento e, conseqüentemente, reduzir a internalização de estereótipos negativos sobre a velhice, estas relações carecem de evidência empírica.

Neste sentido, o presente estudo visa contribuir para preencher estas lacunas. Especificamente, serão considerados os seguintes objetivos:

Objetivo 1 – Analisar as diferenças nas relações avós-netos, otimismo e idadeísmo em função do sexo biológico de jovens adultos (18-30 anos)

Objetivo2 – Analisar um modelo teórico de relações entre relações avós-netos, otimismo e idadeísmo em jovens adultos.

Mais concretamente, serão testadas as seguintes hipóteses de estudo (Figura 1):

H1: Uma relação próxima entre avós e netos promove maiores níveis de otimismo: quanto mais positiva a relação, maior será o otimismo entre os jovens adultos.

H2: Jovens adultos mais otimistas tendem a exibir menos idadeísmo: o otimismo está negativamente relacionado ao idadeísmo.

H3: A qualidade das relações avós-netos tem um efeito negativo no idadeísmo: quanto mais próxima e positiva for a relação, menor será o nível de idadeísmo nos jovens adultos.

H4: O otimismo atua como mediador na relação entre a qualidade da relação avós-netos e o idadeísmo.

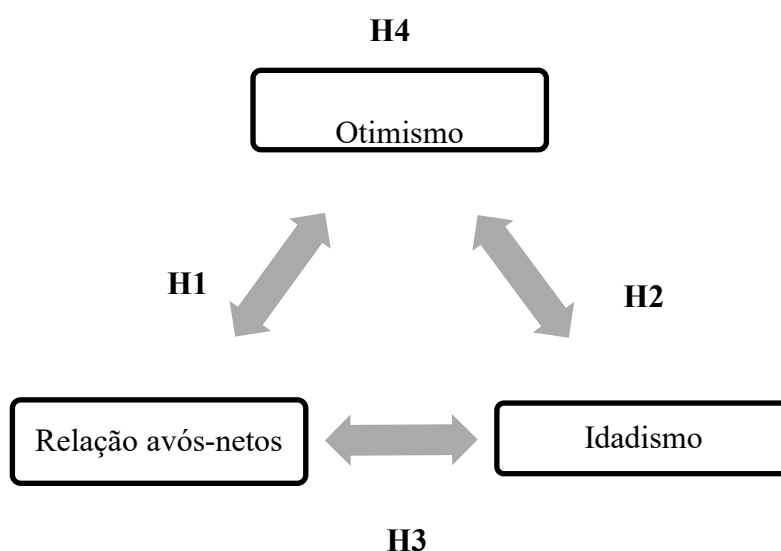


Figura 1. Modelo teórico a testar

4.MÉTODO

4.1 Participantes

Tomaram parte no presente estudo 270 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.08$, $DP = 3.434$). As características sociodemográficas dos participantes constam da Tabela 1.

Tabela 1.

Características Sociodemográficas dos participantes (N = 270)

Variável	Categoria	n	%
Sexo	Feminino	169	62.6%
	Masculino	101	37.4%
Nível de Ensino	Ensino básico	6	2.2%
	Ensino secundário	136	50.4%
	Licenciatura	92	34.1%
	Pós-graduação	4	1.5%
	Mestrado	26	9.6%
	Doutoramento	2	0.7%
	Outro	4	1.5%
Área de Residência	Açores	1	0.4%
	Aveiro	86	31.9%
	Braga	6	2.2%
	Bragança	46	17.0%
	Castelo Branco	2	0.7%
	Coimbra	2	0.7%
	Évora	1	0.4%
	Lisboa	2	0.7%
	Porto	80	29.6%
	Santarém	3	1.1%
	Vila Real	2	0.7%
	Viseu	39	14.4%
Estado Civil	Solteiro/a	235	87.0%
	Casado/União de facto	27	10.0%
	Separado/Divorciado	3	1.1%
	Outro	5	1.9%
Ocupação	Estudante	108	40.0%
	Trabalhador/a	119	44.1%
	Trabalhador/a-estudante	30	11.1%
	Desempregado/a	11	4.1%
	Outro	2	0.7%

Frequência de Contacto com os Avós	Diário ou quase diário	106	39.3%
	Semanal	101	37.4%
Relação Estabelecida com os Avós	Melhor relação com o avô materno	29	10.7%
	Melhor relação com a avó paterna	40	14.8%
	Relação igualmente próxima com avó materna e avô materno	19	7.0%
	Outros/Não especificado	182	67.4%

4.2 Instrumentos

A **Grandchildren Received Affection Scale (GRAS)**, desenvolvida por Mansson (2013) e validada para a população portuguesa por Fraga (2022), foi desenvolvida com o objetivo de medir a percepção dos netos acerca do afeto recebido por parte dos avós. A versão original da escala apresenta 17 itens em formato Likert de 7 pontos (1 “*Discordo totalmente*” e 7 “*Concordo totalmente*”), distribuídos por quatro fatores: Amor e Estima (e.g., “*O meu avô/avó demonstra afeto e carinho por mim*”), Carinho (e.g., “*O meu avô/avó dá-me abraços ou beijos*”), Memórias e Humor (e.g., “*O meu avô/avó partilha histórias ou memórias da sua vida comigo*”), e Comemoração (e.g., “*O meu avô/avó celebra comigo ocasiões especiais*”). A versão portuguesa da GRAS (Fraga, 2022) manteve a estrutura de quatro fatores, apresentando igualmente uma boa consistência interna. Os valores de alfa de Cronbach para as subescalas da versão portuguesa foram elevados: $\alpha = .95$ para o fator Amor e Estima, $\alpha = .96$ para Afeto, $\alpha = .95$ para Memórias e Humor e $\alpha = .77$ para Comemoração, sendo o alfa total da escala de $\alpha = .95$ (Fraga, 2022). Esses resultados indicam uma excelente confiabilidade para ambas as versões.

A **Escala sobre o Otimismo**, proposta por Barros de Oliveira (1998), pretende medir o otimismo disposicional e consiste num conjunto de quatro questões (e.g., “*Acredito que, no futuro, terei mais coisas boas do que más.*”) para responder em formato Likert de

5 pontos (1 “*Totalmente em desacordo*” 5 “*Totalmente de acordo*”). A consistência interna da escala foi verificada através do coeficiente alfa de Cronbach que apresentou o índice de .75 na amostra global (Oliveira, 1998).

A **Esca**la de **Idadismo de Fraboni- Versão Reduzida Portuguesa (EIF-VRP; Neto & Neto, 2024)**, foi desenvolvida com o objetivo de medir atitudes preconceituosas em relação a pessoas idosas. A versão reduzida da escala original contém 9 itens em formato Likert de 7 pontos (1 “*Discordo totalmente*” e 7 “*Concordo totalmente*”), distribuídos por três fatores: Evitamento (e.g., “*Às vezes evito contato visual com idosos*”), Estereótipos (e.g., “*Muitos idosos vivem apenas no passado*”) e Discriminação (e.g., “*Os idosos deveriam encontrar amigos da sua idade*”). A análise psicométrica da versão portuguesa (Neto & Neto, 2024) revelou uma boa consistência interna, com valores de alfa de Cronbach de $\alpha = .84$ para Evitamento, $\alpha = .71$ para Estereótipos e $\alpha = .68$ para Discriminação, sendo o alfa total da escala $\alpha = .85$.

4.3. Procedimentos

4.3.1 Recolha de dados

A recolha de dados foi realizada através da partilha online de um link, com acesso direto ao protocolo. Este link foi divulgado nas redes sociais (Facebook e Instagram). Tratou-se, assim, de uma amostra recolhida por conveniência, através de um processo de amostragem *snowball*. Os participantes foram informados sobre os objetivos de estudo, do seu carácter voluntário e da possibilidade de desistência de participação a qualquer momento. Foi garantida a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, e que os mesmos só seriam utilizados para fins académicos. Os participantes apenas conseguirão prosseguir para o preenchimento dos dados se consentirem a sua participação. Todos estes procedimentos seguiram o código de ética e deontologia dos Psicólogos Portugueses (OPP, 2021), assim como estiveram em conformidade com os princípios éticos estabelecidos na Declaração de Helsínquia.

4.3.2 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados recolhidos foi conduzida utilizando o software IBM SPSS Statistics (versão 27 para Windows), com o objetivo de explorar as relações entre as variáveis centrais do estudo: relação avós-netos, otimismo e idadismo.

Inicialmente, foram realizadas análises descritivas para caracterizar a amostra, incluindo a distribuição demográfica (idade, género, frequência de contacto com os avós, entre outro) e a caracterização das variáveis de estudos (relações avós-netos, otimismo e idadismo), em termos de média e desvio-padrão.

Posteriormente, foi realizada uma análise correlacional de Person para verificar as relações entre a afeição recebida dos avós, o otimismo e o idadismo. A análise correlacional permitiu avaliar a força e a direção das associações entre estas variáveis. Foram, ainda, realizados testes *T Student* para análise das diferenças de género nas variáveis de estudo.

Para testar as hipóteses do presente estudo (H1, H2, H3 e H4), foram conduzidas análises de mediação, utilizando o macro PROCESS para o SPSS (Hayes, 2013). Estas análises permitiram determinar os efeitos diretos das relações avós-netos e otimismo no idadismo, bem como se o otimismo atua como uma variável mediadora, da relação entre o contacto afetivo com os avós e a redução do idadismo nos jovens adultos.

Os resultados das análises foram interpretados com base em valores de significância estatística ($p < .05$) e intervalos de confiança de 95%. O efeito indireto da mediação foi considerado significativo se o intervalo de confiança para o efeito indireto não incluir zero.

5. RESULTADOS

5.1. Análises preliminares: Análises descritivas, correlacionais

A Tabela 2 apresenta as médias, desvios padrão e correlações para as variáveis em estudo. De um modo geral, os netos jovens adultos da presente amostra revelam elevados níveis de afeto recebido por parte dos avós, com a dimensão Afeto a ser o fator mais pontuado na relação avós-netos ($M = 5.83$, $DP = 1.55$). As diferentes dimensões das relações avós-netos estão todas relacionadas entre si de forma positiva e estatisticamente significativa, com valores de correlação a variar entre $r = .631$ e $r = .778$, $p < .001$. A dimensão Amor e Estima, por exemplo, correlaciona-se de forma significativa com as dimensões Afeto ($r = .731$, $p < .001$), Memórias e Humor ($r = .684$, $p < .001$) e Comemoração ($r = .670$, $p < .001$), evidenciando que as diferentes manifestações de afeto e estima estão fortemente interligadas na amostra em estudo.

No que diz respeito ao otimismo, os participantes apresentaram níveis moderados de otimismo ($M = 3.96$, $DP = 0.71$). As análises de correlação de Pearson indicaram associações positivas e estatisticamente significativas entre as dimensões da relação avós-netos e o otimismo, com as correlações a variar entre $r = .197$ e $r = .239$ ($p < .001$). Em particular, a dimensão Amor e Estima apresentou uma correlação positiva moderada com o otimismo ($r = .239$, $p < .001$), seguida por Afeto ($r = .219$, $p < .001$), Memórias e Humor ($r = .200$, $p = .001$) e Comemoração ($r = .197$, $p = .001$), sugerindo que uma maior percepção de apoio e afeto por parte dos avós está associada a maiores níveis de otimismo entre os netos.

Por fim, no que respeita ao idadismo, os participantes apresentaram níveis relativamente baixos nesta variável ($M = 2.32$, $DP = 1.38$). No entanto, não foram observadas correlações significativas entre as dimensões da relação avós-netos e o idadismo, nem entre o otimismo e o idadismo ($p > .05$). Isto sugere que, apesar da presença de um relacionamento positivo com os avós e uma maior percepção de otimismo, estes fatores não parecem influenciar diretamente as atitudes em relação aos estereótipos negativos acerca da velhice na amostra em questão.

Entre as variáveis principais do estudo, foram observadas correlações positivas e estatisticamente significativas entre as dimensões da relação avós-netos e o otimismo: Amor e Estima ($r = .239, p < .001$), Afeto ($r = .219, p < .001$), Memórias e Humor ($r = .200, p = .001$) e Comemoração ($r = .197, p = .001$).

No entanto, não foram observadas correlações significativas entre as dimensões da relação avós-netos e o idadismo, nem entre o otimismo e o idadismo ($p > .05$).

Tabela 2.

Análises descritivas e correlações entre a relação avós-netos, otimismo e idadismo

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1	2	3	4	5	6
1. Amor e Estima	5.22	1.83	(.969)	.731**	.684**	.670**	.239**	.067
2. Afeto	5.83	1.55		(.966)	.778**	.747**	.219	-.119
3. Memórias e Humor	5.72	1.67			(.960)	.643**	.200*	-.076
4. Comemoração	5.72	1.64				(.887)	.197*	-.082
5. Otimismo	3.96	0.71					(.869)	-.086
6. Idadismo	2.32	1.38						(.951)

Nota: *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$; Alfas de Cronbach diagonal;

5.2. Relações avós-netos, otimismo e idadismo: Diferenças de género

Realizaram-se testes *t* de amostras independentes para analisar diferenças entre os participantes do género masculino e feminino nas variáveis estudadas (Tabela 3). De modo geral, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os géneros nas subescalas da relação avós-netos. Nomeadamente Amor e Estima ($p = .190$), Afeto ($p = .277$), Memórias e Humor ($p = .480$) e Comemoração ($p = .109$), não apresentaram diferenças significativas entre homens e mulheres. Similarmente, a variável otimismo também não revelou diferenças significativas entre os géneros ($p = .125$).

No entanto, verificaram-se diferenças significativas no idadismo ($t = 5.03, p < .001$, com os participantes do género masculino ($M = 2.81, DP = 1.57$) a apresentarem níveis

significativamente mais elevados de idadeismo em comparação com as participantes do género feminino ($M = 2.01$, $DP = 1.13$). O tamanho do efeito, medido pelo d de Cohen, foi de $.80$, indicando um efeito elevado.

Tabela 3.

Relação avós-netos, otimismo e idadeismo em função do género

	Masculino		Feminino		<i>t</i>	<i>p</i>
	(<i>M</i>)	(<i>DP</i>)	(<i>M</i>)	(<i>DP</i>)		
Amor e Estima	5.35	1.69	5.15	1.92	.879	.190
Afeto	5.75	1.51	5.86	1.58	.592	.277
Memórias e humor	5.51	1.51	5.52	1.75	.051	.480
Comemoração	5.55	1.64	5.81	1.62	1.236	.109
Otimismo	4.02	.661	3.92	.774	1.154	.125
Idadismo	2.81	1.57	2.01	1.13	4.393	<.001

Nota: *M* = Média; *DP* = Desvio padrão; *t* = a valor do teste *t*; *p* = nível da significância.

5.3. Relação avós-netos (amor e estima, afeto, memórias e humor, comemoração), otimismo e idadeismo em jovens adultos: Efeitos diretos e indiretos

A Tabela 4 apresenta os resultados da análise de mediação com a variável Amor e Estima como preditor, Otimismo como mediador e Idadismo como variável dependente. Observou-se que o Amor e Estima prediz significativamente o Otimismo ($b = 0.10$, $SE = 0.02$, $t = 4.01$, $p < .001$), com intervalo de confiança entre 0.05 e 0.14, indicando um efeito positivo estatisticamente significativo. Por outro lado, o Otimismo não se revelou um preditor significativo do Idadismo ($b = -0.14$, $SE = 0.13$, $t = -1.14$, $p = 0.26$), uma vez que o intervalo de confiança $[-0.39, 0.10]$ inclui o zero, indicando ausência de efeito significativo. O efeito total do Amor e Estima sobre o Idadismo ($b = -0.05$, $SE = 0.05$, $t = -1.06$, $p = 0.29$)

e o efeito direto ($b = -0.04$, $SE = 0.05$, $t = -0.75$, $p = 0.45$) também não foram estatisticamente significativos, com os respectivos intervalos de confiança incluindo o zero. O efeito indireto do Amor e Estima no Idadismo via Otimismo ($b = -0.01$, $SE = 0.01$, IC 95% [-0.04, 0.01]) igualmente não atingiu significância.

Tabela 4.

Relação entre Amor e Estima, Otimismo e Idadismo

Relação entre variáveis	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	LLCI	ULCI
Amor e Estima (X) Otimismo (M)	0.10	0.02	4.01	<.001	0.05	0.14
Otimismo (M) Idadismo (Y)	0.14	0.13	-1.14	0.26	-0.39	0.10
Total efeito de Amor e Estima (X) em Idadismo (Y)	-0.05	0.05	-1.06	0.29	-0.14	0.04
Efeito direto de Amor e Estima (X) em Idadismo (Y)	-0.04	0.05	-0.75	0.45	-0.13	0.06
Efeito Indireto	-0.01	0.01	-	-	-0.04	0.01

Nota: X = variável independente; M = mediador; Y = variável dependente; *b* = coeficiente de regressão não padronizado; *SE* = erro padrão; LLCI = limite inferior do intervalo de confiança; ULCI = limite superior do intervalo de confiança. O intervalo de confiança foi calculado com 5000 reamostragens (bootstrap).

Na Tabela 5, a análise de mediação utilizou a variável Afeto como preditor, Otimismo como mediador e Idadismo como variável dependente. O Afeto prediz significativamente o Otimismo ($b = 0.11$, $SE = 0.03$, $t = 3.85$, $p < .001$), com intervalo de confiança entre 0.05 e 0.17. No entanto, o Otimismo não foi preditor significativo do Idadismo ($b = -0.11$, $SE = 0.13$, $t = -0.90$, $p = 0.37$), com intervalo de confiança [-0.36, 0.13] incluindo o zero. O efeito total do Afeto sobre o Idadismo ($b = -0.10$, $SE = 0.06$, $t = -1.87$, $p = 0.06$) aproximou-se da significância, mas não atingiu o nível convencional ($p < .05$). O efeito direto ($b = -0.09$, $SE = 0.06$, $t = -1.60$, $p = 0.11$) também não foi significativo. O efeito indireto do Afeto no Idadismo por meio do Otimismo ($b = -0.01$, $SE = 0.02$, IC 95% [-0.04, 0.02]) não foi significativo.

Tabela 5.*Relação entre Afeto, Otimismo e Idadismo*

Relação entre variáveis	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	LLCI	ULCI
Afeto (X) Otimismo (M)	0.11	0.03	3.85	<.001	0.05	0.17
Otimismo (M) Idadismo (Y)	-0.11	0.13	-0.90	0.37	-0.36	0.13
Total efeito de Afeto (x) em Idadismo (Y)	-0.10	0.06	-1.87	0.06	-0.22	0.01
Efeito direto de Afeto (X) em Idadismo (Y)	-0.09	0.06	-1.60	0.11	-0.21	0.02
Efeito Indireto	-0.01	0.02	-	-	-0.04	0.02

Nota: X = variável independente; M = mediador; Y = variável dependente; *b* = coeficiente de regressão não padronizado; *SE* = erro padrão; LLCI = limite inferior do intervalo de confiança; ULCI = limite superior do intervalo de confiança. O intervalo de confiança foi calculado com 5000 reamostragens (bootstrap).

Quanto à variável Memórias e Humor (Tabela 6), verificou-se que prediz significativamente o Otimismo ($b = 0.09$, $SE = 0.03$, $t = 3.37$, $p < .001$), sugerindo que a presença de memórias positivas e momentos de humor na relação avós-netos está associada a níveis mais elevados de otimismo nos jovens adultos. Todavia, o Otimismo não foi preditor significativo do Idadismo ($b = -0.14$, $SE = 0.12$, $t = -1.14$, $p = 0.26$), e tanto o efeito total ($b = -0.06$, $SE = 0.05$, $t = -1.21$, $p = 0.23$) quanto o efeito direto ($b = -0.05$, $SE = 0.05$, $t = -0.95$, $p = 0.35$) da variável Memórias e Humor sobre o Idadismo não foram significativos. O efeito indireto mediado pelo Otimismo ($b = -0.01$, $SE = 0.01$, IC 95% [-0.04, 0.01]) também não atingiu significância.

Tabela 6.*Relação entre Memórias e Humor, Otimismo e Idadismo*

Relação entre variáveis	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	LLCI	ULCI
Memórias e humor(X) Otimismo (M)	0.09	0.03	3.37	<.001	0.04	0.14
Otimismo (M) Idadismo (Y)	-0.14	0.12	-1.14	0.26	-0.39	0.10
Total efeito de Memórias e humor (x) em Idadismo (Y)	-0.06	0.05	-1.21	0.23	-0.17	0.04
Efeito direto de Memórias e humor (X) em Idadismo (Y)	-0.05	0.05	-0.95	0.35	-0.16	0.06
Efeito Indireto	-0.01	0.01	-	-	-0.04	0.01

Nota: X = variável independente; M = mediador; Y = variável dependente; b = coeficiente de regressão não padronizado; SE = erro padrão; LLCI = limite inferior do intervalo de confiança; ULCI = limite superior do intervalo de confiança. O intervalo de confiança foi calculado com 5000 reamostragens (bootstrap).

Por fim, a variável Comemoração (Tabela 7) mostrou associação significativa com níveis mais elevados de Otimismo ($b = 0.09$, $p < .001$). Contudo, o Otimismo não se revelou preditor significativo do Idadismo ($b = -0.14$, $p = 0.24$). O efeito total da Comemoração sobre o Idadismo foi negativo, porém não significativo ($b = -0.07$, $p = 0.20$), assim como o efeito direto ($b = -0.05$, $p = 0.31$). O efeito indireto mediado pelo Otimismo foi pequeno e não significativo, com intervalo de confiança incluindo zero (-0.04 a 0.01).

Tabela 7.*Relação entre Comemoração, Otimismo e Idadismo*

Relação entre variáveis	b	SE	t	p	LLCI	ULCI
Comemoração(X) Otimismo (M)	0.09	0.03	3.44	<.001	0.04	0.10
Otimismo (M) Idadismo (Y)	-0.14	0.12	-1.18	0.24	-0.39	0.10
Total efeito de Comemoração(x) em Idadismo (Y)	-0.07	0.05	-1.30	0.20	-0.17	0.04
Efeito direto de Comemoração(X) em Idadismo (Y)	-0.05	0.05	-1.02	0.31	-0.16	0.05
Efeito Indireto	-0.01	0.01	-	-	-0.04	0.01

Nota: X = variável independente; M = mediador; Y = variável dependente; b = coeficiente de regressão não padronizado; SE = erro padrão; LLCI = limite inferior do intervalo de confiança; ULCI = limite superior do intervalo de confiança. O intervalo de confiança foi calculado com 5000 reamostragens (bootstrap).

De forma geral, os resultados apoiam a hipótese H1, mostrando que a qualidade da relação avós-netos (Amor e estima, Afeto, Memórias e humor e Comemoração) está positivamente associada a níveis mais elevados de otimismo entre jovens adultos. No entanto, os dados não suportam as hipóteses H2, H3 e H4, uma vez que o otimismo não se associa negativamente ao idadismo, a qualidade da relação não tem efeito direto sobre o idadismo, e o otimismo não medeia a relação entre a qualidade da relação avós-netos e o idadismo.

6. DISCUSSÃO

Embora estudos anteriores tenham ressaltado a importância da relação entre avós e netos, a maioria das pesquisas concentrou-se nos efeitos dessa relação principalmente para os avós (Caldeira, 2010; Nunes, 2009) ou para crianças e adolescentes (Fernandes, 2017; Santana, 2015). Pouco se sabe, no entanto, sobre como essa relação impacta jovens adultos, especialmente no que diz respeito ao papel do otimismo como mediador na redução do idadismo, isto é, os preconceitos e estereótipos negativos relacionados ao envelhecimento. Assim, o presente estudo propõe-se a explorar a relação avós-netos em

jovens adultos, investigando especificamente como o otimismo pode influenciar a forma como esses jovens percebem e lidam com o envelhecimento. Este tema é especialmente relevante no contexto atual, marcado pelo envelhecimento progressivo da população e pelas crescentes oportunidades para o fortalecimento das relações intergeracionais, que podem contribuir para combater atitudes idadistas na sociedade.

Tal como evidenciado nos resultados, os participantes do sexo masculino apresentaram níveis significativamente mais elevados de idadismo em comparação com os participantes do sexo feminino. Esta diferença é consistente com estudos anteriores que indicam que as mulheres tendem a demonstrar atitudes mais positivas e empáticas em relação aos idosos (Flamion et al., 2017; Muntsant et al., 2021).

Além disso, embora não tenham sido encontradas diferenças significativas de género nas dimensões da relação avós-netos, a literatura sugere que o género pode desempenhar um papel importante na forma como estas relações são vividas e percebidas. Por exemplo, Block (2000) mostrou que as mulheres tendem a relatar relações mais próximas e afetivas com os avós, especialmente com as avós maternas. Hakoyama et al. (2020) também encontraram que estudantes universitárias relataram níveis mais elevados de proximidade com os avós e maior identificação com os seus valores, especialmente em linhagens maternas.

Lussier et al. (2002) identificaram que as netas mantêm um contacto mais frequente com os avós e valorizam mais as relações familiares do que os netos, o que pode explicar em parte o menor nível de idadismo entre as mulheres, uma vez que o contacto próximo com os idosos tende a estar associado a atitudes menos preconceituosas (Harwood et al., 2005). De forma semelhante, o estudo de Muntsant et al. (2021) destaca que as raparigas apresentam crenças mais positivas e empáticas sobre os avós e os idosos em geral, mostrando também maior consciência dos estereótipos e vontade de os contrariar.

Estes dados sublinham a importância de considerar o género como uma variável moderadora na análise das relações intergeracionais e nas atitudes face ao envelhecimento. Mesmo que no presente estudo não tenham surgido diferenças estatisticamente significativas entre géneros na perceção do afeto recebido por parte dos avós, é possível que as raparigas estejam mais disponíveis emocionalmente para esse

contacto, o que, por sua vez, poderá contribuir para a sua menor adesão a estereótipos idadistas.

Concretamente, o presente estudo explorou a hipótese de que uma relação próxima e positiva entre avós e netos está associada a maiores níveis de otimismo (H1). Esta hipótese foi confirmada, uma vez que os participantes demonstraram que todas as dimensões da relação avós-netos (Amor e Estima, Afeto, Memórias e Humor, e Comemoração) estão positivamente associadas ao otimismo. Este resultado vai ao encontro do que é descrito na literatura, onde se destaca que as relações familiares positivas, nomeadamente com os avós, contribuem para o desenvolvimento de uma visão mais positiva e esperançosa da vida (Mansson & Booth-Butterfield, 2011; Miguel et al., 2021). O envolvimento emocional e afetivo dos avós, quando sentido pelos netos, parece funcionar como um fator protetor do bem-estar e da saúde mental dos jovens adultos (Conway et al., 2008; Harwood et al., 2005; Salazar et al., 2022).

Contudo, as hipóteses que previam que o otimismo (H2) e a qualidade da relação avós-netos (H3) estariam negativamente associados ao idadismo não foram confirmadas. Os dados obtidos não evidenciaram associações significativas entre estas variáveis e os níveis de idadismo. Uma possível explicação para este resultado poderá residir no facto de, embora os jovens valorizem as suas experiências com os avós, essas relações não serem, por si só, suficientes para transformar perceções sociais mais amplas e estereotipadas em relação aos idosos.

A literatura tem vindo a sublinhar que o contacto intergeracional tende a ser mais eficaz na alteração de atitudes quando é frequente, significativo e ocorre num contexto que promove reflexão e desconstrução ativa de estereótipos (Flamion et al., 2020; Smith & Charlton, 2020). No entanto, alguns estudos recentes contrariam esta ausência de associação. Por exemplo, Liao, Zhuoga e Chen (2023) encontraram que o contacto com os avós estava associado a atitudes mais positivas, tanto explícitas como implícitas, dos jovens em relação às pessoas idosas. De forma semelhante, Hoffmann e Kornadt (2022) identificaram que os fatores familiares, incluindo a proximidade intergeracional, estão associados a visões mais positivas sobre o envelhecimento entre os jovens adultos. Estes estudos sugerem que, quando o contacto intergeracional é de qualidade e emocionalmente significativo, pode contribuir para a construção de representações menos idadistas. A discrepância entre os resultados do presente estudo e os obtidos por estas investigações

poderá dever-se a diferenças metodológicas (por exemplo, instrumentos utilizados, tipo de amostra, cultura), ou à variabilidade na qualidade e profundidade das relações com os avós na amostra estudada.

Também não se confirmou a hipótese H4, que propunha que o otimismo mediará a relação entre avós-netos e o idadismo. Apesar de o otimismo ter sido predito positivamente pelas dimensões da relação avós-netos, esta variável não se revelou associada ao idadismo, inviabilizando o efeito mediador. Este resultado pode indicar que o otimismo, enquanto traço disposicional, não influencia diretamente atitudes sociais como o preconceito etário, funcionando antes como um fator mais relacionado com o bem-estar geral (Scheier & Carver, 1985; Barnett & Adams, 2018).

No entanto, os dados evidenciaram diferenças significativas entre os sexos ao nível do idadismo, com os homens a apresentarem níveis mais elevados desta variável. Este resultado vai ao encontro da literatura, que aponta para uma maior empatia e atitudes mais positivas por parte das mulheres em relação ao envelhecimento e aos idosos (Flamion et al., 2017).

Implicações práticas dos resultados

Os resultados deste estudo não evidenciaram uma relação significativa entre a qualidade da relação avós-netos e o idadismo, nem o papel mediador do otimismo nessa relação. No entanto, verificou-se que relações afetivas positivas com os avós estão significativamente associadas a níveis mais elevados de otimismo nos jovens adultos. Esta associação tem importantes implicações práticas, uma vez que o otimismo está relacionado com diversos indicadores de bem-estar psicológico, como maior resiliência, esperança e satisfação com a vida (Scheier & Carver, 1985; Barnett & Adams, 2018).

Neste sentido, os resultados sugerem que o fortalecimento dos laços familiares, nomeadamente através da promoção de relações próximas, afetuosas e de valorização mútua entre avós e netos, pode contribuir para o desenvolvimento de um mindset mais positivo e resiliente nos jovens adultos. Estratégias de intervenção familiar e comunitária que favoreçam ambientes relacionais estáveis e afetivos, como o incentivo à convivência intergeracional, à partilha de histórias de vida e ao apoio mútuo, poderão, assim, funcionar como fatores protetores da saúde mental e emocional dos jovens.

Mais ainda, tendo em conta que o otimismo é um recurso psicológico associado à adaptação positiva a situações adversas, estes dados reforçam a importância de contextos familiares calorosos e de apoio no desenvolvimento de competências emocionais essenciais para o bem-estar na idade adulta emergente.

Embora a presente investigação não tenha evidenciado um efeito direto das relações avós-netos na desconstrução do idadismo, a sua influência positiva no otimismo indica que estas relações devem ser valorizadas e promovidas como parte de uma abordagem mais ampla de promoção da saúde psicológica dos jovens adultos e intencionais.

Pontos fortes, limitações e propostas para estudos futuros

O presente estudo apresenta diversos pontos fortes. Desde logo, destaca-se o seu foco inovador na análise da relação entre avós e netos em jovens adultos, uma faixa etária ainda pouco explorada nos estudos intergeracionais. A utilização de instrumentos validados e com boas propriedades psicométricas para a população portuguesa constitui também uma mais-valia, assegurando a fiabilidade dos dados recolhidos. Para além disso, a abordagem mediacional adotada permitiu explorar não apenas relações diretas, mas também efeitos indiretos entre as variáveis em estudo, oferecendo uma compreensão mais aprofundada dos processos envolvidos na relação avós-netos, otimismo e idadismo.

Contudo, este estudo não está isento de limitações. Em primeiro lugar, o recurso a uma amostra de conveniência, maioritariamente composta por participantes do sexo feminino, com elevada escolaridade e recrutada através de plataformas online, limita a generalização dos resultados a outras populações. Em segundo lugar, o desenho transversal da investigação impede a formulação de inferências causais, impossibilitando determinar se as relações observadas entre variáveis se mantêm ao longo do tempo. Adicionalmente, o estudo recorreu exclusivamente a medidas autorreportadas, o que pode introduzir viés de desejabilidade social e influenciar as respostas dos participantes, sobretudo em temas sensíveis como atitudes face ao envelhecimento.

Para além destas limitações metodológicas, importa também reconhecer limitações ao nível das variáveis contextuais. Embora tenha sido considerado o contacto regular com pelo menos um dos avós como critério de inclusão, não foram incluídas na análise variáveis

como a frequência do contacto, a convivência intergeracional, a proximidade geográfica ou a qualidade da relação familiar global, fatores que, segundo a literatura, influenciam significativamente o impacto das relações avós-netos (Harwood et al., 2005; Davey et al., 2009). A ausência destas variáveis pode ter limitado a compreensão mais fina das dinâmicas intergeracionais e das suas implicações no otimismo e no Idadismo.

Face a estas limitações, propõem-se diversas direções para investigações futuras. Seria pertinente utilizar amostras mais diversificadas em termos de género, idade, contexto socioeconómico e localização geográfica, bem como integrar participantes de diferentes contextos culturais. A adoção de metodologias longitudinais poderá contribuir para compreender a evolução das atitudes face ao envelhecimento ao longo do tempo e aferir melhor os efeitos das relações intergeracionais em diferentes momentos do desenvolvimento. Sugere-se ainda que se explorem variáveis adicionais que possam moderar ou mediar a relação entre a experiência intergeracional e o idadismo, como o nível de empatia, o conhecimento sobre envelhecimento, a exposição prévia ao cuidado de idosos.

7. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivos: (1) analisar as diferenças nas relações avós-netos, otimismo e idadeísmo em função do sexo biológico de jovens adultos entre os 18 e os 30 anos; e (2) testar um modelo teórico que propõe o otimismo como variável mediadora na relação entre a qualidade da relação avós-netos e o idadeísmo. Estes objetivos permitiram aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas intergeracionais e o modo como estas se relacionam com atitudes face ao envelhecimento.

Relativamente ao primeiro objetivo, os resultados revelaram diferenças significativas apenas ao nível do idadeísmo, com os participantes do sexo masculino a apresentarem atitudes mais idadeístas do que os do sexo feminino. No que respeita ao segundo objetivo, confirmou-se que uma relação próxima com os avós está positivamente associada a níveis mais elevados de otimismo nos jovens adultos. Contudo, não se verificaram associações significativas entre o otimismo e o idadeísmo, nem entre a relação avós-netos e o idadeísmo, inviabilizando o papel mediador do otimismo.

Estes dados sugerem que as relações intergeracionais afetuosas têm um impacto positivo no bem-estar psicológico dos jovens adultos, promovendo uma visão mais positiva da vida. No entanto, o seu contributo direto para a redução do idadeísmo permanece pouco claro. Assim, apesar dos benefícios emocionais associados à relação com os avós, esta, por si só, pode não ser suficiente para desconstruir estereótipos negativos relacionados com o envelhecimento.

Dado o envelhecimento demográfico e a relevância das atitudes sociais face à velhice, tornam-se necessárias investigações futuras que explorem outros fatores que possam mediar ou moderar esta relação, tais como o grau de empatia, o conhecimento sobre envelhecimento ou a frequência e qualidade do contacto com os avós. O presente estudo representa um contributo relevante para a compreensão das relações avós-netos na idade adulta emergente e para o debate sobre estratégias de promoção de atitudes mais positivas face ao envelhecimento.

8. REFERÊNCIAS

- Abrams, D., Eller, A., & Bryant, J. (2006). An age apart: The effects of intergenerational contact and stereotype threat on performance and intergroup bias. *Psychology and Aging, 21*, 691–702. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.21.4.691>
- Adam, S., Joubert, S., & Missotten, P. (2013). L'agisme et le jeunisme: Consequences trop meconnues par les cliniciens et chercheurs! [Aging and youthism: consequences too undervalued by clinicians and researchers.] *Revue de Neuropsychologie, 5*, 4–8. <https://doi.org/10.3917/rne.051.0004>
- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company.
- Associação Médica Mundial. (2013). Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial: Princípios éticos para a pesquisa médica envolvendo seres humanos. <https://www.wma.net/policies-post/wma-declaration-of-helsinki-ethical-principles-for-medical-research-involving-human-subjects>
- Attar-Schwartz, S., Tan, J., & Buchanan, A. (2009). Adolescents' perspectives on relationships with grandparents: The contribution of adolescent, grandparent, and parent–grandparent relationship variables. *Children and Youth Services Review, 31*(9), 1057–1066. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2009.05.007>
- Ayalon, L., & Tesch-Römer, C. (2018). *Contemporary perspectives on ageism* (1st ed.). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8>
- Barnett, M. D., & Adams, C. M. (2018). Ageism and aging anxiety among young adults: Relationships with contact, knowledge, fear of death, and optimism. *Educational Gerontology, 44*(11), 693–700. <https://doi.org/10.1080/03601277.2018.1537163>
- Barros, J. (1998). Otimismo: Teoria e avaliação: Proposta de uma nova escala. *Psicologia, Educação e Cultura, 2*, 295-308.
- Bergman, Y. S., Cohen-Fridel, S., Shrira, A., Bodner, E., & Palgi, Y. (2020). Preocupações com a saúde do COVID-19 e sintomas de ansiedade entre adultos mais velhos: O papel moderador do idadismo. *International Psychogeriatrics, 32*(11), 1371–1375. <https://doi.org/10.1017/S1041610220001258>
- Block, C. E. (2000). Dyadic and gender differences in perceptions of the grandparent–grandchild relationship. *The International Journal of Aging & Human Development, 51*(2), 85–104. <https://doi.org/10.2190/VKCU-GN6A-27MU-4867>

- Boon, S. D., Shaw, M. J., & MacKinnon, S. L. (2008). Grandparent health and young adults' judgments of their grandparent-grandchild relationships. *Journal of Intergenerational Relationships*, 6, 155–173. <https://doi.org/10.1080/15350770801955115>
- Bowen, C., Spuling, S., Kornadt, A., & Wiest, M. (2020). Young people feel wise and older people feel energetic: Comparing age stereotypes and self-evaluations across adulthood. *European Journal of Ageing*, 17(1), 435-444. <https://doi.org/10.1007/s10433-019-00548-4>
- Brown, L. H. (2003). Intergenerational influences on perceptions of current relationships with grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, 1(1), 95–112. https://doi.org/10.1300/J194v01n01_09
- Brussoni, M. J., & Boon, S. D. (1998). Grandparental impact in young adults' relationships with their closest grandparents: The role of relationship strength and emotional closeness. *The International Journal of Aging & Human Development*, 46, 267–286. <https://doi.org/10.2190/2B7B-E3LH74JJ-UJRY>
- Burnes, D., Sheppard, C., Henderson, C. R., Wassel, M., Cope, R., Barber, C., & Pillemer, K. (2019). Interventions to reduce ageism against older adults: A systematic review and meta-analysis. *American Journal of Public Health*, 109(8), 1–9. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2019.305123>
- Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9(4), 243-246. <https://doi.org/10.1093/geront/9.4.243>
- Caldeira, S. (2010). Contacto intergeracional e bem-estar psicológico dos avós. (Tese de mestrado). Lisboa: ISPA Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.12/3613>
- Cheng, X., & Ariyo, T. (2023). Grandparenting and life satisfaction among Chinese elderlies: A study of possible mechanisms. *BMC Geriatrics*, 23(1). <https://doi.org/10.1186/s12877-023-04540-7>
- Chonody, J. M. (2015). Addressing ageism in students: A systematic review of the pedagogical intervention literature. *Educational Gerontology*, 41(12), 859–887. <https://doi.org/10.1080/03601277.2015.1059139>
- Conway, F. M., Magai, C., Springer, C., & Jones, S. C. (2008). Optimism and pessimism as predictors of physical and psychological health among grandmothers raising their grandchildren. *Journal of Research in Personality*, 42(5), 1352–1357. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0092656608000500>
- Coall, D. A., & Hertwig, R. (2010). Grandparental investment: Past, present, and future. *Behavioral and Brain Sciences*, 33, 1–19. <https://doi.org/10.1017/S0140525X09991105>

- Davey, A., Savla, J., Janke, M., & Anderson, S. (2009). Grandparent–grandchild relationships: From families in contexts to families as contexts. *International Journal of Aging and Human Development*, 69(4), 311–325. <https://doi:10.2190/aq.69.4.d>
- Dias, C. (2016). Relacionamento entre avós e netos: Significado, evolução e expectativas. *Relações Familiares*, 19, 361-371.
- Fernandes, I. & Duque, E. (2017). Qualidade de vida do idoso e a existência de netos: Estudo comparativo no distrito de Lisboa. *Revista Kairós Gerontologia*, 20(1), 171-185.
- Flamion, A., Missotten, P., Marquet, M., & Adam, S. (2017). Impact of contact with grandparents on children's and adolescents' views on the elderly. *Child Development*, 90(4), 1155-1169. <https://doi.org/10.1111/cdev.12992>
- Flamion, A., Missotten, P., Jennotte, L., Hody, N., & Adam, S. (2020). Old age-related stereotypes of preschool children. *Frontiers in Psychology*, 11(807), 1-31. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00807>
- Fraga, C. (2022). Validação da Grandchildren Received Affection Scale em adultos emergentes portugueses. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense.
- Geurts, T., Poortman, A. R., van Tilburg, T., & Dykstra, P. A. (2009). Contact between grandchildren and their grandparents in early adulthood. *Journal of Family Issues*, 30, 1698–1713. <https://doi.org/10.1177/0192513X09336340>
- Grujters, R. J. (2017). Intergenerational contact in Chinese families: Structural and cultural explanations. *Journal of Marriage and Family*, 79, 758–768. <https://doi.org/10.1111/jomf.12390>
- Harwood, J., Hewstone, M., Paolini, S., & Voci, A. (2005). Grandparent-grandchild contact and attitudes toward older adults: Moderator and mediator effects. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 393–406. <https://doi.org/10.1177/0146167204271577>
- Hakoyama, M., Ko, H. J., & MaloneBeach, E. (2020). Value similarities with grandparents among college students: Gender, family lineage, and relationship closeness. *Journal of Intergenerational Relationships*, 19(2), 228–248. <https://doi.org/10.1080/15350770.2020.1739587>
- Hoffmann, C. and A. E. Kornadt (2022). A Chip Off the Old Block? The Relationship of Family Factors and Young Adults' Views on Aging. *Frontiers in Psychology*, 13 <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.808386>
- Inocência, P. I. F. (2013). O otimismo e as preocupações de carreira de adultos, desempregados ou empregados, em processo de formação. <https://sapiencia.ualg.pt/entities/publication/0e26cd97-befe-4e00-8a77-0b5a9d58441f>

- Kite, M. E., Deaux, K., & Miele, M. (1991). Stereotypes of young and old: Does age outweigh gender? *Psychology and Aging*, 6(1), 19–27. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.6.1.19>
- Levy, B. R., & Langer, E. (1994). Aging free from negative stereotypes: Successful memory in China among the American deaf. *Journal of Psychology and Social Psychology*, 66, 989–997. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.6.989>
- Levy, B., Slade, M., Kunkel, S., & Kasl, S. (2002). Longevity increased by positive selfperceptions of aging. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(2), 261-270. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.2.261>
- Levy, S., & Macdonald, J. (2016). Progress on understanding ageism. *Journal of Social Issues*, 72(1), 5-25. <https://doi.org/10.1111/josi.12153>
- Lin, M., & Harwood, J. (2003). Accommodation predictors of grandparent–grandchild relational solidarity in Taiwan. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(4), 537-563. <https://doi.org/10.1177/02654075030204006>
- Liao, T., Zhuoga, C. & Chen, X. Contact with grandparents and young people’s explicit and implicit attitudes toward older adults. *BMC Psychol* 11, 289 (2023). <https://doi.org/10.1186/s40359-023-01344-7>
- MaloneBeach, E. E., Hakoyama, M., & Arnold, S. (2018). The good grandparent: Perspectives of young adults. *Marriage & Family Review*, 54, 582–597. <https://doi.org/10.1080/01494929.2017.1414724>
- Mansson, D., & Booth-Butterfield, M. (2011). Grandparents’ expressions of affection for their grandchildren: Examining grandchildren’s relational attitudes and behaviors. *Southern Communication Journal*, 76(1), 424–442. <https://doi.org/10.1080/1041794x.2010.508554>
- Mansson, D. H. (2013). Testing the Grandchildren’s Received Affection Scale using Affection Exchange Theory. *Psychological Reports*, 112(2), 553-562. <https://doi.org/10.2466/10.07.PR0.112.2.553-562>
- Mansson, D. H. (2016). The joy of grandparenting: A qualitative analysis of grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(1), 135-145. <https://doi.org/10.1080/15350770.2016.1160738>
- Mansson DH, Floyd K, Soliz J (2017) Affectionate communication is associated with emotional and relational resources in the grandparent-grandchild relationship. *Journal of Intergenerational Relationships* 15(2):85–103. <https://doi.org/10.1080/15350770.2017.1294007>
- Mansson, D. H. (2020a). Grandchildren’s perceptions of grandparents’ use of relational maintenance behaviors. *International Journal of Aging and Human Development*, 91(2), 127-148. <https://doi.org/10.1177/0091415019852776>

- Mansson, D. H. (2020b). Relational maintenance and caregiving in the grandparent-grandchild relationship. *Communication Research Reports*, 37(1-2), 1-10. <https://doi.org/10.1080/08824096.2020.1736540>
- Mansson, D., Duflos, M., & Giraudeau, M. (2021). Comparing U.S. and French grandparent-grandchild relationships. *Communication Research Reports*, 38(5), 1-12. <https://doi.org/10.1080/08824096.2021.2001324>
- Mansson, D. H. (2022). Received affection and caregiving in the grandparent–grandchild relationship. *Journal of Family Issues*, 43(2), 392-404. <https://doi.org/10.1177/0192513X21994159>
- Marques, S., Mendonça, J., Mariano, J., & Tavernier, W. (2019). Determinants of ageism against older adults: A systematic review. *Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(7), 25-60. <https://doi.org/10.3390/ijerph17072560>
- Massa, M. (2019). *Envelheceste tu, envelhecerei eu: A relação entre avós e netos e a sua influência no idadismo e na percepção do próprio envelhecimento*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária, Instituto Universitário de Lisboa]. <https://hdl.handle.net/10071/20487>
- Masse, M., & Meire, P. (2009). Facing age stigmatization: The impact on self-esteem and the role of protective strategies among older adults. *Journal of Nutrition, Health and Aging*, 13, S185–S186. Retrieved from <http://hdl.handle.net/2078/116792>
- Michalek-Kwiecień, J. (2020). Grandparental influence on young adult grandchildren: the role of grandparental empathy and quality of intergenerational relationships. *Current Issues in Personality Psychology*, 8(4), 329–338. <https://doi.org/10.5114/cipp.2020.101301>
- Miguel, I., Araújo, A. M., Fernandes, S., Carneiro, L., & Fernandes, P. (2021). Are perceptions of grandparenthood related to family and life satisfaction? A study with emerging adults. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(4), 1152-1171. <https://doi.org/10.1177/0265407520981152>
- McGuire, S., Klein, D., & Chen, S. (2008). Ageism revisited: A study measuring ageism in East Tennessee, USA. *Nursing and Health Sciences*, 10(1), 11-16. <https://doi.org/10.1111/j.1442-2018.2007.00336.x>
- Monserud, M. A. (2008). Intergenerational relationships and affectual solidarity between grandparents and young adults. *Journal of Marriage and Family*, 70, 182–195. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00470.x>

- Mueller, M. M., & Elder Jr, G. H. (2003). Family contingencies across the generations: Grandparent-grandchild relationships in holistic perspective. *Journal of Marriage and Family*, 65, 404–417. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00404.x>
- Mustsant, A., Ramirez-Boix, P., Leal-Campanario, R., Alcaín, F., & Gimenez-Llort, L. (2021). The Spanish Intergenerational Study: Beliefs, stereotypes, and metacognition about older people and grandparents to tackle ageism. *Geriatrics*, 6(3), 87-90. <https://doi.org/10.3390/geriatrics6030087>
- Nelson, T. (2009). Ageism. In T. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 431–440). New York: Psychology Press.
- Neto, J., & Neto, F. (2024). Measuring ageism: Psychometric analysis of the Portuguese short form of the Fraboni Scale (FSA-SF). *Measurement Instruments for the Social Sciences*, 6, Article e11993. <https://doi.org/10.5964/miss.11993>
- Ng, R., Allore, H. G., Trentalange, M., Monin, J. K., & Levy, B. R. (2015). Increasing negativity of age stereotypes across 200 years: Evidence from a database of 400 million words. *PLoS ONE*, 10, e0117086. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0117086>
- Noriega, C., López, J., Domínguez, R., & Velasco, C. (2017). Perceptions of grandparents who provide auxiliary care: Value transmission and childrearing practices. *Child and Family Social Work*, 2, 1227-1236. <https://doi.org/10.1111/cfs.12339>
- Nunes, L. (2009). Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade. [Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade de Coimbra]. <http://hdl.handle.net/10316/11787>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2021). Código deontológico da ordem dos psicólogos portugueses. https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/regulamento_nao_637_2021.pdf
- Paleari, F. G., Tagliabue, S., & Lanz, M. (2011). Empathic perspective taking in family relationships: a social relations analysis. In D. J. Scapaletti (Ed.), *Psychology of empathy* (pp. 185–202). New York: Nova Science Publishers.
- Pecchioni, L. L., & Croghan, J. M. (2002). Young adults' stereotypes of older adults with their grandparents as the targets. *Journal of Communication*, 52(4), 715–730. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2002.tb02570.x>
- Podhorecka, M., Husejko, J., Pyszora, A., Woźniewicz, A., & Kędziora-Kornatowska, K. (2021). Attitudes towards the elderly in Polish society: Is knowledge about old age and personal

- experiences a predictor of ageism? *Psychology Research and Behavior Management*, 15(1), 95-102. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S342800>
- Ramos, N. (2014). Avós e netos através da imagem e das culturas. In N. Ramos, M. Marujo, & A. Baptista (Eds.), *A Voz Dos Avós: Migração, memória e património* (pp. 33-56). Gráfica de Coimbra.
- Reissmann, M., Geithner, L., Storms, A., & Wopen, C. (2021). Stereotypes about very old people and perceived societal appreciation in very old age. *Zeitschrift Gerontologie und Geriatrie*, 54(1), 93-100. <https://doi.org/10.1007/s00391-021-01971-y>
- Ruiz, S., & Silvertein, M. (2007). Relationships with grandparents and the emotional wellbeing of late adolescent and young adult grandchildren. *Journal of Social Issues*, 63(4), 793-808. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2007.00537.x>
- Ryan, E. B., Giles, H., Bartolucci, G., & Henwood, K. (1986). Psycholinguistic and social psychological components of communication by and with the elderly. *Language & Communication*, 6, 1–24. [https://doi.org/10.1016/0271-5309\(86\)90002-9](https://doi.org/10.1016/0271-5309(86)90002-9)
- Sadruddin, A. F., Ponguta, L. A., Zonderman, A. L., Wiley, K. S., Grimshaw, A., & Panter-Brick, C. (2019). How do grandparents influence child health and development? A systematic review. *Social Science & Medicine*, 239, article 112476. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.112476>
- Santana, P. (2015). A importância dos avós para os jovens de hoje. Uma pesquisa entre adolescentes do 5º ao 9º ano de escolaridade que frequentam escolas de Elvas. (Tese de mestrado não publicada). Castelo Branco: Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Castelo Branco. <http://hdl.handle.net/10400.11/2896>
- Salazar, L.R., Khandelwal, P. & Castillo, Y. (2022). The effects of received grandmothers' affection on adult grandchildren's health behaviors using affection exchange theory. *BMC Public Health*, 22, 714. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-13049-4>
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219–247.
- Schwartz, L. K., & Simmons, J. P. (2001). Contact quality and attitudes toward the elderly. *Educational Gerontology*, 27, 127–137. <https://doi.org/10.1080/03601270151075525>
- Sciplino, C., & Kinshott, M. (2019). Adult grandchildren's perspectives on the grandparent-grandchild relationship from childhood to adulthood. *Educational Gerontology*, 45(2), 134–145. <https://doi.org/10.1080/03601277.2019.1584354>
- Seligman, M. E. (1992). *Learned optimism: how to change your mind and your life*. New York: Knoff.

- Shlomo, S. B., & Ben-Ari, O. T. (2012). New grandparents' mental health: The protective role of optimism, self-mastery, and social support. *Journal of Family Social Work, 15*(4), 254–271. <https://doi.org/10.1080/10522158.2012.695762>
- Smith, B. T., & Charlton, K. (2020). When grandparents move in: Consequences of growing up with older adults. *Social Psychology, 51*(5), 299–308. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000415>
- Smorti, M., Tschiesner, R. & Farneti, A. (2012). Grandparents-grandchildren relationship. *Procedia – Social and Behavioral Sciences, 46*(1), 895-898. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.05.219>
- Soliz, J. & Harwood, J. (2003). Perceptions of communication in a family relationship and the reduction of intergroup prejudice. *Journal of Applied Communication Research, 31*(4), 320-345. <https://doi.org/10.1080/1369681032000132582>
- Tanskanen, A. O., Danielsbacka, M., Coall, D. A., & Jokela, M. (2019). Transition to Grandparenthood and Subjective Well-Being in Older Europeans: A Within-Person Investigation using Longitudinal data. *Evolutionary Psychology, 17*(3), 147470491987594. <https://doi.org/10.1177/1474704919875948>
- Taylor, A. C., Robila, M., & Lee, H. S. (2005). Distance, contact, and intergenerational relationships: Grandparents and adult grandchildren from an international perspective. *Journal of Adult Development, 12*, 33–41. <https://doi.org/10.1007/s10804-005-1280-7>
- Thiele, D. M., & Whelan, T. A. (2008). The relationship between grandparent satisfaction, meaning and generativity. *International Journal of Aging and Human Development, 66*, 21–48.
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Osuna, M., & Pinazo, S. (2005). The meaning of grandparenthood: Do adolescent grandchildren perceive the relationship and role in the same way as their grandparents do? *Journal of Intergenerational Relationships, 3*(2), 101–121. https://doi.org/10.1300/J194v03n02_07



UNIVERSIDADE
PORTUCALENSE

upt.pt